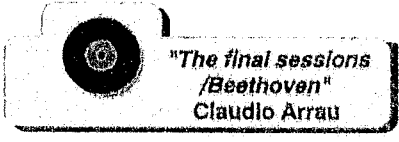


Discolândia

Seis sonatas de Beethoven à luz final de Claudio Arrau



Claudio Arrau, em 1972: gravação da íntegra de Beethoven para a Philips



ANTONIO HERNANDEZ

O quinto volume da série "The final sessions" (Philips) traz seis Sonatas da juventude de Beethoven, em dois CDs: op. 2-1e2, op. 31-1, op. 54, op. 78 e op. 79. Arrau as gravou em 1991, aos 88 anos de idade, pouco antes da morte provocada pelos nervos do pianista no dia marcado para a sua *rentrée*. São seis milagres de musicalidade, a mais alta do século XX, no campo da interpretação. Não desmerecem os registros anteriores do próprio Arrau, mas iluminam os pentagramas com maior aproximação do homem Beethoven e de suas circunstâncias no tempo das composições. Arrau se despoja da idade e com vitalidade desconhecida entre artistas de 30 anos se faz, digamos, um instrumento de época de perfeita adequação idiossincrática, identificado com o autor e suas aspirações. Difícilmente alguém terá maior conhecimento da natureza daquelas aspirações do que esse guru chileno da cultura alemã, invocando o testemunho de Joachim Kaiser.

Logo na Primeira Sonata, o arpejo de fá menor disposto em linha ascendente, à maneira de reconhecimento da filiação mozartiana (o desenho coincide com o início do quarto movimento da Sinfonia em sol menor), demonstra — comparando com os velhos discos — até que ponto uma obra pode ser entendida viva, sujeita a modificações, na consciência de um artista. De diferentes pontos de vista, em função de compositor e de crítico, André Boucourechliev falava de experiência similar com obras em perpétua migração no seu interior, agora examinando o valor do modernismo de Beethoven. E assim Arrau refaz os caminhos da sua infância, depois das aventuras no mar da tranquilidade lunar de Debussy, para desenvolver jogos novos na terra prometida de Beethoven: são então as novas soluções agógicas; os acentos amplificando as formas rítmicas; os segundos planos, sempre substanciais, condicionando tensões e repouso; a cor tímbrica e a dinâmica refinadas, mas sem a ilegalidade dos abusos virtuosísticos tão aplaudidos em artistas menores. A edição do álbum é limitada. Mas em breve deverá estar disponível em todas as lojas. É música para não sair das consciências, por toda a vida.

Weller acerta contas com passado 'mod'



LUIZ HENRIQUE ROMANHOLLI

Ao longo de sua carreira solo, que começou em 1991, o cantor e guitarrista inglês Paul Weller vem correndo o risco de se tornar um anacronismo, um velho rabugento, excluído das paradas de sucesso, a repetir fórmulas do rock "autêntico". O que seria particularmente ridículo, para quem liderou o jovial trio The Jam (grupo 10% punk e 90% mod, que injetou, à base de guitarradas e excelentes canções, sinceridade e rock de qualidade na dúbia new wave). Ou para quem fez da dupla Style Council um palanque de onde saíam slogans de esquerda, sob a forma de bossa nova e soul. Weller sempre pregou a mudança como combustível da música pop. Poderia ter morrido pela boca. Mas "Stanley Road", terceiro disco do cantor, é o seu melhor, no qual ainda mantém suas influências básicas (Motown, The Who, Kinks, punk rock), mas abre portas para o futuro.

Basicamente, "Stanley Road", que a PolyGram está importando para lançar no Brasil mês que vem, é uma coleção de óti-

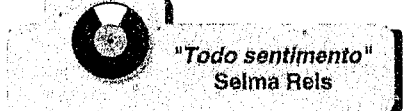
mas canções. Mesmo quando cria rocks pesados, o cantor carrega nas tintas de boas melodias e harmonia. Exemplo claro é "Woodcutter's son", que tem a participação de Steve Winwood nos teclados e Carleen Anderson (ex-Soul II Soul) nos vocais. Com uma batida que lembra Bo Diddley, a faixa é um *flash* de uma pequena cidade inglesa.

Ao lado de Joe Strummer (Clash) e Elvis Costello, Weller é o melhor letrista de sua geração, conhecido pelos versos politizados. Mas em "Stanley Road", ele expõe seu mundo pessoal. Em "Porcelain gods", o cantor critica a idolatria que os fãs devotam a ele, se autodenominando "um deus de porcelana/ que quebra". "Time passes" é uma delicada balada sobre o quanto pode soar distante e irreal um amor que ficou para trás: "Eu vi você hoje, ou pelo menos achei que vi/ É difícil dizer, nós mudamos tanto/ Tive a compulsão de olhar mas escondi meu rosto". "Wings of speed" fecha o disco. É um gospel, com participação do ex-parceiro de Style Council, Mick Talbot, no órgão, e o vocal arrepiante de Carleen Anderson. "Stanley Road" cita visualmente "Abbey Road", dos Beatles, no verso do encarte. Como os Beatles, Paul Weller faz música verdadeira, com instrumentos reais, baseada em sentimentos reais. Viciante.

Selma Reis encontra seu caminho

MAURO FERREIRA

Selma Reis vinha lançando discos de qualidade inferior ao seu potencial vocal. Além de repertório irregular, a cantora era prejudicada por arranjos excessivos, que disputavam lugar com o maior trunfo de Selma: a voz volumosa e visceral. Foi preciso que Selma se desligasse das gravadoras multinacionais (que a disputaram a tapas) para encon-



trar o caminho ideal. O disco "Todo sentimento" — primeiro fruto da parceria de Selma com o selo de Mazzola, o MZA — é o melhor disco da cantora. O álbum, nas lojas somente daqui a duas semanas, traz o registro, feito em estúdio, do show homô-

nimo com o qual Selma vem percorrendo o Brasil. Trata-se de um trabalho no estilo voz-e-teclados — perfeito para realçar as interpretações da cantora.

A prova do acerto são as gravações de "Beco do Mota", "Se bastasse uma canção" e "Bem-vindo amor" — músicas que a própria Selma já havia gravado recentemente e que agora reaparecem límpidas, em arranjos que não ofuscam a cantora. O fado "Foi Deus" também

ganha leitura emocionada e, ao exaltar o canto, adquire conotação especial na voz privilegiada de Selma. "Bastidores" e "Ave Maria no morro" recebem o tratamento dramático já característico da cantora. Há um excesso de teclados no disco (o piano seria preferível na maioria das faixas), mas isso não prejudica a qualidade do CD. Com "Todo sentimento", Selma Reis deverá conquistar o público que já costuma lotar seus shows.



Paul Weller, nos tempos em que fazia parte do Style Council: novo disco traz boas canções e participações de Steve Winwood e Carleen Anderson

O satélite retrô dos Flaming Lips



TOM LEÃO

Flaming Lips é uma banda de Oklahoma City, Estados Unidos, formada há dez anos, e que só agora está ficando conhecida. O motivo: seu mais recente disco, "Transmissions from the satellite heart" — segundo não independente, lançado originalmente em 1993 — foi descoberto este ano pelo grande público. Por isso ganhou distribuição mundial da Warner Music. Agora, mais

antenas poderão captar essa transmissão do satélite coração. E, uma vez sintonizados nele, é difícil sair da frequência.

Abraçando uma sonoridade retrô e algo psicodélica, que ora lembra os Smashing Pumpkins, ora qualquer boa banda de hard rock dos anos 60/70, os Flaming Lips atingem um de seus melhores momentos com este fabuloso disco. Gravado praticamente direto, ao vivo, num estúdio simples e com co-produção da banda, "Transmissions from the satellite heart" é um dos discos de rock mais simples e envolventes dos últimos anos.

Embora seja um disco mais pop se comparado com trabalhos

anteriores da banda, os Lábios Flamejantes não perderam o prumo. Continuam fazendo músicas em que o som dos instrumentos é bastante valorizado (algum dos melhores sons de bateria já gravados nesta década estão neste disco) deixando para a parte das letras temas mais "viajantes" ou simplesmente tolos.

Como na irresistível "She don't use jelly", cuja letra diz coisas como "Ela faz café/ Ela faz torrada/ Ela não usa manteiga/ Não usa geléia/ Ela usa vasilha". Mais adiante, na mesma letra, dizem: "Conheci uma garota que me lembra Cher/ Ela sempre muda a cor do cabelo/ E agora está usando tangerina". Se em alguns momentos músi-

cas e letras dos Flaming Lips soarem como hinos religiosos isso não será mera coincidência. Oklahoma é um dos estados mais religiosos dos EUA e Oklahoma City, capital mundial das Testemunhas de Jeová. Por isso, os caras disseram certa vez que acabam usando algumas melodias tiradas de hinos. E que também já roubaram aparelhagem de som dos fiéis.

Enquanto o novo disco dos Lips, já pronto para ser lançado, não chega, conhecer este é quase obrigação para quem gosta de tocar guitarras imaginárias e viajar nas melodias. O tempo só faz com que a cada audição a transmissão do satélite coração se torne melhor e melhor.

Sonar

Antônio Carlos Miguel

Filhos de Elis vão para a Sony

Os filhos de Elis Regina, João Marcelo Böscoli e Pedro Camargo Mariano, estão com um pé na Sony Music. João Marcelo entrou ontem no estúdio Mosh, em São Paulo, para gravar seu disco de estréia como produtor. O trabalho é concebido pelo músico — bateria, teclados e também compositor de algumas faixas — que será acompanhado pela Banda da Companhia, do programa de TV "Cia da música". Já o disco do cantor Pedro Camargo Mariano só deverá ser lançado no fim do ano.

■ HANCOCK DE VOLTA — O tecladista Herbie Hancock lan-

çou nos EUA (selo Mercury) o CD "Dis is da drum", com grooves percussivos, que bebem das tradições musicais africanas.

■ O SEGUNDO OASIS — Última sensação do rock inglês, o grupo Oasis lançará seu segundo disco, "Morning glory", em setembro.

■ UB40 SOLO — Cantor do grupo de reggae inglês UB40, Ali Campbell voa solo com o álbum "Big love", que lançou na Inglaterra pelo seu próprio selo, Kuff (Virgin Records). Campbell vai do rap ao pop, passando pelo folk e o reggae.

E ainda ...



Subversão folk

Mestre da gaitinha-e-violão, Bob Dylan tem uma coleção de clássicos folk que dispensa apresentação. Este "Unplugged" é uma versão menos espinhosa do show mostrado no Brasil há três anos. Mesmo sem as guitarras distorcidas, ele retorce suas canções ("Desolation row", "All along the watchtower"), subvertendo-lhes melodia e refrão e salvando "Knockin' on heaven's door" da vergonha que lhe foi imposta pelo Guns N'Roses. No encarte, o fundamental: as letras. (L.H.R.)



Tanque-trilha

O filme ainda demora a chegar aqui, mas a trilha de "Tank girl" veio antes e trouxe novidades para os ouvidos brasileiros: o novo single de Björk, "Army of me", uma faixa do excelente disco "Dumpty", do Portishead, "Roads", uma inédita do Hole, "Drown sode", e uma reedição para "Girl U want", do Devo. No mais, Veruca Salt, Ice-T (que atua no filme), Belly, um dueto de Joan Jett com Paul Westerberg e L7 são os atrativos desta trilha que parece melhor do que realmente é. (T.L.)



Raça cansada

O sexto disco do Raca Negra evidencia o progressivo cansaço do grupo paulista. Bom, o popularíssimo conjunto nunca foi. Mas, nos primeiros discos, havia uma ou outra música que valia o álbum ("Pensando em você", por exemplo). Neste atual trabalho, tudo se repete: letras, melodias (?) e o ritmo chamado por eles de "suíngue". A faixa menos ruim é "O sonho terminou", já um hit nas rádios populares. Mas isso é pouco para um disco que já nasce velho. Só a capa é diferente. (M.F.)



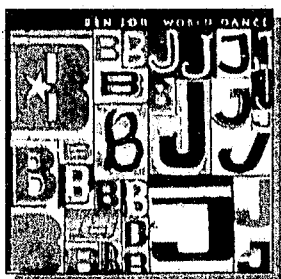
Choro clássico

Veterano de centenas de discos e integrante de tantos conjuntos, desde os tempos gloriosos da Rádio Nacional, o violonista Zé Menezes tem a coletânea "Chorinho in concert" (CID) lançada em CD. Acompanhado por orquestra de estúdio dirigida pelos maestros Alceu Bocchino, Cipó e Ivan Paulo, Menezes mostra a categoria que influenciou tanta gente boa. Os arranjos primorosos realçam a qualidade desta edição. Um must para a boa música instrumental brasileira. (J.D.R.)



Jazz do bom

Um dos melhores guitarristas revelados nos anos 80, Kevin Eubanks lidera um sexteto de respeito em "Spiritalk 2, revelations" (Blue Note), com nove composições de sua autoria. É um CD de jazz, sem concessões. O grupo soa como se tivesse um número maior de músicos, com destaque para o trombonista Robin Eubanks. Os arranjos dão ampla variedade à sonoridade coletiva. A música de Kevin é a antítese de muita baboseira fusion que se toca hoje rotulada como jazz contemporâneo. (J.D.R.)



'Ben' ruim

A idéia de apresentar a música de Jorge Benjor ao mundo é boa, mas não da forma como foi feita no CD "World dance". Fizaram o cantor regregar seus maiores sucessos sobre uma base de dance music. Claro que todas as gravações ficaram (muito) aquém dos registros originais. "W/Brasil" ainda se salva, mas a versão americanizada de "A banda do Zé Pretinho" exemplifica a inutilidade do disco. O suíngue inconfundível de Ben Jor foi para o espaço com essa inadequada roupagem dance. (M.F.)



Beleza confusa

Depois de um bom disco centrado na obra de Chico Buarque, Oswaldo Montenegro reaparece com um trabalho mais autoral. "Aos filhos dos hippies" é um disco de conceito confuso. Tem texto lido por Carlos Vereza e aparição meteórica de Jorge Mautner, mas fica difícil saber o que Montenegro quer, afinal, dizer com esse trabalho. Felizmente, a qualidade das músicas é bastante satisfatória e salva o disco. "Celeiro", por exemplo, é linda. E os arranjos são criativos. O saldo é mediano. (M.F.)

CDs mais vendidos

- 1) Simone Bittencourt de Oliveira - Simone (3/5)
- 2) Mina d'água do meu canto - Gal Costa (1/2)
- 3) Eu e Memê, Memê e eu - Lulu Santos (4/12)
- 4) Trilha sonora de "Tempo de violência" - Vários (2/5)
- 5) Demorou, mas abalou RPC - Vários (7/4)
- 6) Calango - Skank (9/1)
- 7) Rap Brasil - Vários (*)
- 8) Raca Negra (*)
- 9) O descoberto do Brasil - Legião Urbana (RE)
- 10) Os Morenos (RE)

FONTE: NOPEM
Obs: O primeiro número entre parênteses indica posição na semana anterior e o segundo há quantas semanas o disco está na parada. O (*) indica estréia e o (RE) indica volta à parada.

Recomendados

"The complete Bud Powell on Verve/The complete Blue Note and Roost recordings of Bud Powell"
"Retrato" - Fagner
"Diz" - Gonzalo Rubalcaba
"Weezer"
"Songbook Ary Barroso" - Vários